



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACL-FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM



**O Comportamento Feminino no Romance
Romântico do século XIX: A idealização
Romântica de Mariana, em *Amor de
Perdição*.**

ABAETETUBA-PA

2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ROSILÉIA BATISTA BRAGA

**O COMPORTAMENTO FEMININO NO ROMANCE ROMÂNTICO DO
SÉCULO XIX: A IDEALIZAÇÃO ROMÂNTICA DE MARIANA, EM AMOR
DE PERDIÇÃO, DE CAMILO CASTELO BRANCO.**

ABAETETUBA-PA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B813c Braga, Rosiléia Batista.
O comportamento feminino no romance romântico do século
XIX: : a idealização romântica de mariana, em amor de perdição,
de Camilo Castelo Branco / Rosiléia Batista Braga. — 2017.
33 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Rinaldo Vasconcelos Lobato
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

1. Feminino . 2. Comportamento . 3. Literatura . I. Título.

CDD 869.1

ROSILÉIA BATISTA BRAGA

**O COMPORTAMENTO FEMININO NO ROMANCE ROMÂNTICO DO
SÉCULO XIX: A IDEALIZAÇÃO ROMÂNTICA DE MARIANA, EM AMOR
DE PERDIÇÃO, DE CAMILO CASTELO BRANCO.**

Monografia apresentada como requisito final para conclusão do curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa, à Faculdade de Ciências da Linguagem – Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Abaetetuba.

Orientador: Prof. Me. Rinaldo Lobato

ABAETETUBA-PA

2017

Banca Examinadora

_____ - Orientador

Prof. Me.Rinaldo Lobato

_____ - Membro

_____ - Membro

Apresentado em: ____/____/____

Conceito:_____

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu escudo e fortaleza. Meu eterno agradecimento, pois tu és a minha inspiração e fonte de toda sabedoria e conhecimento, e que me deu forças para vencer os obstáculos colocados em meu caminho no decorrer do curso.

Aos meus amados pais: Maria Liduina Batista Braga e Raimundo da Conceição de Sousa Braga por toda a paciência nos meus erros e nos meus acertos. À minha mãe em especial, por todo o amor e por todas as orações em meu favor. Obrigada mãe pelos sacrifícios que você fez em razão da minha educação e dos meus irmãos. Nós sabemos que não foram poucos. Obrigada por tudo!

Aos meus irmãos: Maria do Socorro Batista Braga, Rosildo Batista Braga, Manoel Nazareno Batista Braga, Marcilene Batista Braga e Rosarina Batista Braga pela torcida, por terem vibrado com as minhas conquistas, por sempre acreditarem na minha capacidade de lutar, e também porque sempre me incentivaram na luta diária enfrentada principalmente quanto ao acesso à universidade. O meu muito obrigada!

As minhas queridas filhas: Rayane de Cássia Braga Ferreira e Rayssa Ariadne Batista Braga, que são o suporte da minha vida, pois são vocês que me inspiram a cada dia a enfrentar os desafios em minha caminhada.

Agradeço imensamente ao meu orientador Professor Me. Rinaldo Lobato, desprovido de palavras que possam fielmente revelar minha gratidão, pela competência, sensibilidade e a disponibilidade com que sempre me orientou, contribuindo para o aprimoramento intelectual, profissional e pessoal, que acredito ter adquirido através do vínculo estabelecido. Muito Obrigada mesmo!

A todos os colegas da turma de Letras Língua Portuguesa 2013, do Campus Universitário de Abaetetuba que estiveram presentes durante esses quatro anos de luta pela busca e aquisição de conhecimentos em prol de uma formação e de uma educação de qualidade.

Costumo dizer que quem tem amigos, nunca está só. Felizmente estou longe de ser uma pessoa sozinha, logo não caberia nesse espaço citar os nomes de um a um de todos os que me ajudaram nesse percurso, portanto só tenho a agradecer. Obrigada!

A UFPA e a todos os docentes da Faculdade de Ciências da Linguagem que nos possibilitaram conhecer uma concepção de educação voltada para o aprendizado linguístico e literário. Enfim, obrigada a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse sonho.

Ninguém nasce mulher; tornar-se mulher.

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto de civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de femininos.

(Simone de Beauvoir)

RESUMO

Este trabalho intitulado como o comportamento feminino no romance romântico do século XIX: a idealização romântica de Mariana, em *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, instigou-me desde o ensino médio, em que pude conhecer o romance romântico do referido autor, e da escola literária a qual o mesmo pertenceu. Nele será traçado um breve estudo do autor e do próprio enredo, salientando as características evidentes no texto, no que compete a personagem Mariana, através de trechos, em que se observam tais aspectos, e ainda levantando considerações das atitudes dela, relacionando com isso, as evidências com os perfis das mulheres do século XIX e da atualidade. Comportamentos esses, que se difundem em muito por questões históricas, políticas, culturais e econômicas. E, finalmente fazendo um paralelo com os comportamentos femininos ao longo da história e como se desconstruiu esse paradigma de sociedade patriarcal no decorrer do tempo. Neste sentido a literatura é um importante instrumento para se repensar princípios e valores tidos como absolutos, no caso dessa temática, especificamente no que diz respeito ao universo das mulheres. Tendo como aporte teórico a pesquisa bibliográfica baseada em Massaud Moisés, Jacó Guinsburg entre outros, que comprovam a veracidade do estudo.

PALAVRAS CHAVES: Feminino. Comportamento. Literatura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O ROMANTISMO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
1.1 CARACTERÍSTICAS ROMÂNTICAS	11
1.2 AS FASES DO ROMANTISMO	12
2. CAMILO CASTELO BRANCO E A NOVELA <i>AMOR DE PERDIÇÃO</i>	15
2.1 A PERSONAGEM MARIANA	21
3. O PERFIL FEMININO NO SÉCULO XIX.....	23
3.1 O COMPORTAMENTO DAS MULHERES NA ATUALIDADE	25
4. O PARALELO ENTRE OS PERFIS DE MULHERES: SÉCULO XIX E ATUALIDADE	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

Este trabalho que me propus a pesquisar trata-se do comportamento feminino no romance romântico do século XIX: a idealização romântica de Mariana, em *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, por tamanha curiosidade que a obra me despertou desde o ensino médio, e também pelo motivo de que o ensino de Literatura nos dias atuais tornou-se muito obsoleto, estando restrito apenas aos estudos das escolas literárias e suas características.

Por isso, para sanar as lacunas que me trouxeram a desenvolver este estudo, e também em virtude do mau uso dos estudos literários no que concerne ao processo de ensino e aprendizagem é que apresento esta proposta comparativa.

A temática dessa pesquisa será dada à idealização romântica de Mariana, personagem de uma das mais belas obras de Camilo Castelo Branco, o romance romântico *Amor de Perdição*, visto que o perfil feminino da protagonista se difere em muitos aspectos dos comportamentos das mulheres dos dias atuais.

As mulheres do século XIX possuíam restrições, e por essa razão seus comportamentos eram diferentes. Eram mulheres que tinham seus direitos não garantidos, não possuindo sequer liberdade de expressão e nem tão pouco podendo opinar sobre quaisquer assuntos, isto significa concluir ainda que elas eram isentas da sociedade.

Hoje esse perfil feminino já ganhou uma nova configuração. As mulheres contemporâneas possuem vez e voz, uma vez que seu papel na sociedade é dividido com o gênero masculino, em praticamente quase todos os setores.

Desta maneira, o estudo pretende ainda traçar também um paralelo entre as modificações que ocorreram ao longo dos anos com o comportamento das mulheres do século XIX, com o comportamento das mulheres na contemporaneidade.

Observando nos dias atuais, o que se percebe são grandes transformações na vida dessas pessoas, o que não se percebia na mulher do século em questão. Isso porque os valores e atributos a elas impostos eram outros, a sociedade era outra, essa mulher do passado estava fadada somente à vida doméstica, por outro lado à mulher contemporânea já respira novas mudanças, alterações essas que fazem parte de um processo de liberdade feminina.

Sendo assim, o intuito de defender a proposta do texto em tese, buscaremos apresentar as indagações e os objetivos expostos anteriormente fazendo um levantamento de dados que venham de alguma maneira compararem e ao mesmo tempo corroborar no que tange ao comportamento feminino das mulheres do passado ao perfil de mulher da atualidade, a partir de conhecimentos já adquiridos nessa área.

Através da obra Camiliana e também de documentos que mostram o porquê desses perfis de mulheres terem sofrido tamanha mudança, o trabalho a princípio tem como aporte teórico fundamentações em Jacob Guinsburg, Massaud Moisés, Carlos Vechi, Antônio Saraiva entre tantos outros, que comprovam o estudo e a temática da pesquisa.

Realizando assim, uma leitura de conhecimento aprofundado a respeito do estilo feminino nessas duas épocas: século XIX e idade moderna.

1. O ROMANTISMO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Romantismo foi um movimento totalmente subjetivista que surgiu no fim do século XVIII na Europa e alcançou seu ápice no decorrer do século XIX. Em Portugal, este estilo literário surgiu em um momento em que o país passava por grandes dificuldades econômicas. Após várias lutas, Portugal adquire independência e cria sua própria constituição.

A primeira Constituição Portuguesa foi profundamente marcada pela revolução de 1820. Tratou-se de um ato revolucionário inserido na vaga das revoluções liberais que ocorreram um pouco por toda a Europa continental. Não se pretendia propriamente derrubar a monarquia, pelo contrário, o que a maior parte dos revolucionários desejava era que o Rei, D. João VI, que tinha ido para o Brasil em 1807 (quando da primeira invasão francesa), regressasse a Portugal e reassumisse o poder, expulsando os ingleses que cada vez mais se iam assenhoriando desse mesmo poder – e assim, assegurando a independência nacional.

Por outro lado, não era intenção dos mentores da revolução retornar aos esquemas tradicionais da monarquia absoluta. Há que não esquecer que esta revolução se insere num movimento mais amplo que varreu fundamentalmente – a Europa continental que é o movimento liberal, o qual se opunha a um poder real ilimitado.

O que se pretendeu então foi instaurar uma monarquia constitucional, isto é, um regime em que o monarca deve partilhar alguns dos seus poderes com o parlamento e, para, além disso, deve exercer apenas os poderes que a constituição lhe atribui e nos exatos termos nela regulados.

Revoluções políticas e culturais ocorreram, o fim do regime absolutista e a fuga de uma literatura que ditava regras e normas também eram as que predominavam nesse período, e isso revoltava os românticos que eram contrários aos modelos, e às normas. Estes se batem pela total liberdade na criação artística e defendem a mistura e a impureza dos gêneros literários (MOISÉS, 1985, P.142).

Segundo Jacob Guinsburg (1978):

O Romantismo designa uma emergência histórica, um evento sociocultural. Ele não é apenas uma configuração estilística ou, como querem alguns, uma das duas modalidades polares e antitéticas – Classicismo e Romantismo – de todo o fazer artístico do espírito humano. Mas é também uma escola historicamente definida, que

surgiu num dado momento, em condições concretas e com respostas características à situação que se lhe apresentou. (GUINSBURG, O Romantismo. P, 14).

Assim, pode-se entender que o Romantismo na sua percepção histórica aglutina as sociedades em mundos, comunidades, nações, raças, que tem antes culturas do que civilizações, que secretam uma individualidade peculiar, uma identidade, não de cada indivíduo, mas do grupo específico, diferenciado de quaisquer outros. (GUINSBURG, O Romantismo. p, 15).

Seja como for, o Romantismo é um fato histórico e, mais do que isso, é o fato histórico que assinala, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica. Com efeito, o Romantismo é antecedido pelo século das Luzes, que abandonou uma visão de História que se mantivera pelo menos formalmente, apesar da contestação maquiavélica do Renascimento.

O Romantismo tratou-se de um vasto movimento onde se abrigam o conservadorismo e o desejo libertário, a inovação formal e a repetição de fórmulas consagradas, o namoro com o poder e a revolta radical; enfim, um conjunto tão díspar de tendências que seria uma ociosa bobagem inconsequente pretenderem mascarar através de generalizações apressadas a riqueza e a diversidade que nortearam o movimento romântico. (GUINSBURG, 1978. Pág. 9)

Portugal tem início do seu romantismo marcado pelo poema “Camões”, de Almeida Garret, publicado em 1825. No prefácio Garret, declara:

A índole deste poema é absolutamente nova: e assim não tive exemplar que me arrimasse nem norte que seguisse *Por mares nunca dantes navegados*”. Conheço que ele está fora das regras; e que pelos princípios clássicos o quizerem julgar, não encontrarão aí se não irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei as regras nem a princípios, que não consultei Horácio nem Aristóteles, mas fui insensivelmente depois o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos cálculos da arte e operações combinadas do espírito. Também o não fiz por imitar o estilo Byron, que tão ridicularmente aqui macaqueiam hoje os franceses a torto e a direito (...). “Não sou clássico nem romântico... (MOISÉS, A literatura Portuguesa, p. 164).

Nessa fase inicial do Romantismo em Portugal, sobressaem-se os escritores Alexandre Herculano e Almeida Garret, com obras voltadas às questões históricas e políticas, o Romance histórico.

1.1 CARACTERÍSTICAS ROMÂNTICAS

O Romantismo abrangeu outras características ¹além dessas, no entanto, apenas algumas se farão um breve comentário, as quais aqui serão mencionadas, pois será dado o destaque para apenas aquelas que se referem à temática em estudo.

A liberdade de criação (o romantismo era expresso sob a forma de atitude pessoal e individual, foram negadas as regras dos modelos clássicos, aqui quem escreve é o “eu poético”), A busca do isolamento da solidão (esse isolamento se dá do romântico viver num mundo no qual não é compreendido). O pessimismo (também visto como “mal do século”, levava o artista, o romântico a cair em profunda tristeza, angústia, desespero, frustração, e tudo isso, o impulsionava a tomar medidas trágicas como o próprio suicídio), o senso do mistério (aqui ele pouco utiliza a razão, suas obras ganham um ar sobrenatural e o fantástico). O misticismo (também se faz presente entre os românticos, pois, estes eram espiritualistas e sentiam o gosto pelo sobrenatural). A idealização da mulher (era o ser que lhe dava inspiração, a mulher para o romântico era dotada de virtudes maravilhosas, ela era impecável e ao mesmo tempo inatingível). A mulher passa a ser tratada até mesmo como uma deusa, chegando a ser divinizada, cultuada e pura).

O romântico também se caracteriza por possuir atitudes de escape, ou seja, a fuga da realidade se dá por meio da morte e “*o romântico, opta pela morte, como algo glorioso, gesto definitivo e radical a revelar uma profunda indisposição com a sociedade*”. (GUINSBURG, 1978. p.77)

A morte não era o fim de tudo, muito pelo contrário, mas o início da libertação, a (morte era o “despertar” do pesadelo de viver). Esta fuga também se fazia no sonho e na imaginação (sonhar ou imaginar era perder a noção da realidade, era acreditar como seria bom se tudo fosse da forma que sonhássemos). E a fuga na loucura, é acarretada quando o romântico sente-se de alguma forma pressionado pela sociedade e pelo

¹ Retomada ao passado; O romântico é contrário ao modelo clássico; Valorização da arte de caráter nacional; O “eu” é o centro do mundo; Criação do herói nacional; Culto aos ideais da Idade Média; Subjetivismo excessivo; Egocentrismo exacerbado; O sentimento perpassa a razão; A natureza serve de cenário poético para o romântico; A criação é um ato de liberdade; A fuga à realidade para o imaginário dotado de sonhos e emoções; A busca por um mundo idealizado; Valorização da linguagem simples; (Ledo, Teresinha de Oliveira. Manual de literatura: Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira – São Paulo: DCL, 2001, pág: 51/52).

mundo, daí então, sentindo-se excluído por ter visões diferentes sobre a vida do meio em que vive, passam a viver sua própria verdade pessoal, afundando-se em sua loucura.

A religiosidade era o meio de se apegar mais a Deus, a busca por Ele era um apoio diante das suas frustrações. E em seguida não se pode deixar de não citar outras três características intimamente relacionadas: O sentimentalismo, o subjetivismo e a supervalorização do amor.

O sentimentalismo é a forma que o romântico analisa e expressa a realidade em que vive, ou seja, tudo é explicado pelo sentimento. O subjetivismo é a liberdade do mundo inferior, da imaginação, da paixão, da intuição, da liberdade pessoal e inferior, isto é, da liberdade do indivíduo. A supervalorização do amor é outra característica, na qual o amor é considerado como o único valor supremo na vida do romântico, e a sua perda ou proibição o leva a três atitudes: a morte, a loucura ou ao suicídio.

O que se pretende enfatizar é que a supervalorização do amor é em torno do amor que a vida do romântico está entrelaçada, é ao amor que sua vida tem sentido, e sem o amor não há motivo para continuar a viver, e isso, precisa sim ser destacado. A base da vida para os românticos depende muito desse sentimento, o maior dos sentimentos, o único capaz de transformar vidas.

1.2 AS FASES DO ROMANTISMO

A vitória das ideias românticas em Portugal não foi rápida nem do mesmo modo durante todo o período que compreende o movimento. Desse modo, podemos dizer que o Romantismo foi organizado em três momentos diferenciados tanto no que concerne às ideias preponderantes como aos autores que se destacaram.

A Primeira Geração romântica, a Segunda Geração e a Terceira Geração, no entanto em nossa pesquisa será dado um tratamento diferencial à Segunda Geração, pois é nela que se encontra Camilo Castelo Branco, o poeta de destaque para o desenvolvimento do texto.

A Primeira Geração atuante a partir de 1825 é bastante ligada ao Classicismo, mas muito contribuiu para a consolidação do liberalismo em Portugal. Os românticos dessa geração estão embasados na pureza e originalidade, no nacionalismo, historicismo e medievalismo. Como toda tendência nova, o Romantismo não veio implantarem-se

totalmente nos primeiros momentos em Portugal. Inicialmente, buscava-se gradativamente, apagar os modelos clássicos que ainda permeavam o meio socioeconômico. Os escritores dessa época eram românticos em espírito, ideal e ação política e literária, mas ainda clássicos em muitos aspectos.

Na Segunda Geração também conhecida como ultra Romantismo, marcado pelo exagero, desequilíbrio, sentimentalismo, acontece entre os anos de 1838 e 1860. Pode-se perceber a partir desse momento maior emoção nas obras, dando maior ênfase ao tédio, melancolia, desespero, pessimismo, fantasia e liberdade de expressão. Neste momento, desfazem-se os enlaces arcádicos que ainda envolviam os escritores da época. Aqui nota-se com plena facilidade o domínio da estética e da ideologia romântica. Os escritores tomam atitudes extremas, transformando-se em românticos descabelados, caindo fatalmente no exagero, nos temas soturnos e fúnebres, tudo expresso numa linguagem fácil e comunicativa. Os poetas, ultrarromânticos reuniram-se em três grupos principais: o dos medievalistas, por volta de 1838, e de que fez parte Gonçalves Dias; o do jornal literário *O Trovador* (1844) e o de *O Novo Trovador* (1851). Do primeiro grupo fazem parte José Freire de Serpa Pimentel (1841-1870), autor de *Solaus* (1839), e Inácio Pizarro de Moraes Sarmiento (1807-1870), autor do *Romanceiro* (1841). (MOISÉS, Massaud. Págs: ss)

O segundo grupo é liderado por João de Lemos de Seixas Castelo Branco (1819-1890), autor do *Cancioneiro* (3 vols., 1858-1859, 1866), *Canções da Tarde* (1875), de que ressalta uma composição que lhe rendeu fama no tempo (Lua de Londres), e da prosa contida em *Serões de Aldeia* (1876). Demais membros do grupo: Luís Augusto Palmeirim (1825-1893), autor de *Poesias* (1851) e obras em prosa, Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro (1819-1900), Augusto José Gonçalves Lima (1823-1867), Antônio Maria do Couto Monteiro (1821-1896), Francisco de Castro Freire (1811-1881), Antônio de Serpa Pimentel (1825-1900) e outros.

O grupo de *O Novo Trovador* é chefiado por Soares de Passos, o mais inspirado poeta de sua geração. Outros membros: Alexandre José da Silva Braga (1829-1895), autor de *Vozes de Alma* (1849, 2ª ed., 1857), Joaquim Simões da Silva Ferraz (1834-1875), autor de *Harmonias da Natureza* (1852) e *Cantos e Lamentos* (1857), e Aires de Gouveia.

Embora o Ultrarromantismo se coadune essencialmente com a poesia, muitos dos seus ingredientes também são expressos em prosa. Muda, porém, o local em que se passam os acontecimentos: a poesia localiza-se precisamente em Coimbra, a prosa

deriva do ambiente do Porto nos anos seguintes a 1850. Representa-a, sobretudo Camilo Castelo Branco, em cujas novelas se condensam não poucas matrizes ultrarromânticas, resultantes de sua aventureira existência de donjuan e do clima literário e social respirado nas andanças portuenses. Ele e Soares de Passos constituem cada qual em seu gênero e a seu modo, as grandes figuras do Ultrarromantismo Português.

Acontece aqui, na Terceira Geração um tardio florescimento literário, que corresponde ao terceiro momento do Romantismo, em fusão dos remanescentes do Ultrarromantismo. Esse período é marcado pela presença de poetas, com João de Deus, Tomás Ribeiro, Bulhão Pato, Xavier de Novais, Pinheiro Chagas e Júlio Diniz, que purificam até o extremo as características românticas.

2. CAMILO CASTELO BRANCO E A NOVELA *AMOR DE PERDIÇÃO*

Alguns críticos costumam dizer que é perigoso confundir seus autores com as personagens de suas obras. A vida do escritor Camilo Castelo Branco não foi um “mar de rosas”, apesar de ter tido vários amores, seus casos em sua maioria, todos momentâneos e escandalosos alguns sendo paixões proibidas à sociedade da época, outros porque o escritor sempre teve uma vida conturbada pelo sofrimento e cheias de aventuras.

Camilo Castelo Branco nasceu no dia 16 de março de 1825, e sua vida desde então já iniciou com o sofrimento de tão cedo ficar órfão, perdendo seus genitores aos 10 anos de idade. Aos 16 anos se casa com Maria Joaquina Pereira, uma jovem aldeã um ano mais nova que Camilo. Em 1843 inicia o curso de Medicina no Porto em Coimbra, porém sem sucesso, não conseguindo assim concluir os estudos.

Em 1947 Maria Joaquina morre, e o poeta um ano depois foge para o Porto com Patrícia Emília e lá vivem uma paixão intensa e passageira, porém anos depois a abandona para tentar construir uma vida religiosa, decidindo matricular-se no seminário do Porto. Nesse período, ele conhece Ana Plácido, a qual estava de casamento marcado, mas sem deixar que isso o impedisse, acabou se apaixonando por ela.

Ana Plácido consuma seu casamento e nesse intervalo, Camilo entrega-se à vida literária e as aventuras amorosas, incluindo o caso com a freira Isabel Cândida. Após o casamento de Ana Plácido, Camilo abandona o seminário e decidem ser amantes, o que causa grande polêmica, pois ela, Ana decide fugir do marido e viver com o escritor. Os dois são procurados e em seguida processados pelo crime de adultério. Depois que cumpriram a sentença e foram absolvidos, eles decidem ir viver definitivamente juntos.

O escândalo lhe deu de presente na prisão *Amor de Perdição*, novela de grande sucesso e que o trouxe novamente à fama, e em 1862 ocorre a publicação da obra.

Após todos esses acontecimentos na vida do autor, ele decide ingressar definitivamente na vida literária, o que não esperava era contar com mais desgostos em sua história familiar, além da cegueira que o dominava completamente.

Diante de todas essas questões físicas e pessoais, Camilo entra em desespero total e tomado pela angústia, comete uma grande tragédia, o suicídio. O poeta pôs fim ao seu tormento com um tiro na cabeça, no dia 1º de Junho de 1890.

Camilo acentuou-se principalmente porque foi muito produtivo, “na poesia, no teatro, na crítica literária, no jornalismo, no folhetim, na historiografia, na epistolografia, na polêmica, no romance, na novela e no conto” (MOISÉS, 1982, p. 178). Das várias obras que produziu podemos citar: *Os Pundonores Desgravados* (1845), *A Murraça* (1848), *Nostalgias* (1888), *Nas Trevas* (1890), *Agostinho de Ceuta* (1847), *O Marquês de Pombal* (1822), *Os Críticos do “Cancioneiro Alegre”* (1879), *Questão da Sebenta* (1883), *Memórias do Cárcere* (2 vols., 1862), *Lutas de Gigantes* (1865), *O Santo da Montanha* (1866), *O Judeu* (1866), *O Senhor do Paço de Ninães* (1868), *O Regicida* (1874), *A Filha do Regicida* (1875), *A Caveira do Mártir* (1875 – 1876), *O que fazem as Mulheres* (1858), *As Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado* (1863), *A queda dum Anjo* (1866), *Os Mistérios de Lisboa* (1854), *Livro Negro do Padre Dinis* (1855), *Coisas Espantosas* (1862), *O Esqueleto* (1865), *O Demônio do Ouro* (1873 – 1874), *Carlota Ângela* (1858), *Estrelas Funestas* (1862), *Amor de Perdição* (1862), *A Doida do Candal* (1867), *Onde Está a Felicidade* (1856), *Um Homem de Brios* (1856), *Memórias de Guilherme do Amaral* (1856), *Estrelas Propícias* (1863), *Amor de Salvação* (1864), *Novelas do Minho* (12 vols., 1876), *Eusébio Macário* (1879), *A Corja* (1880), *A Brasileira de Prazins* (1822) e *Vulcões de Lama* (1886), e entre todas essas produções literárias camilianas, termos conhecimento à novela de grande prestígio *Amor de Perdição*, nos possibilita mesmo com o passar do tempo, nos emocionar e também nos envolver com seu enredo.

A novela camiliana diferencia-se muito no que compete ao enredo, onde embora muitas vezes diversificado, até onde permitisse a imaginação do ficcionista: alterando-se a disposição dos elementos novelísticos, mas o módulo central permanece sempre o mesmo. A temperatura passional sobe à disposição que o ambiente ou a consciência revela os obstáculos à consecução do que pretendem os protagonistas: sendo nesse caso, a obsessão amorosa, que é articulada nos apaixonados paralelamente à sensação de que vivem numa sociedade burguesa, caracterizada pelo princípio de que o sentimento deve acompanhar os amantes até a união sacramentada.

Não se deve comentar ou dizer algo de *Amor de Perdição*, sem que façamos um breve apanhado geral de seu enredo. A obra pelo título acho evidente assim frisar que pode se tratar de um romance, uma história linda de amor e não aqueles romances baratos que terminam com a seguinte frase: “casaram e foram felizes para sempre”, porém é uma trama triste , com um final extremamente infeliz. Pois então é isso mesmo leitor: *Amor de Perdição* revela uma história real, porque pode ter sido também assim a

vida do próprio Camilo Castelo Branco, e que ao final de tudo realmente levará a perdição vidas que queriam apenas encontrar a felicidade ao lado de quem amam, porém sem sucesso.

A história nos repassa a vida de Simão Botelho, filho de um desembargador, Domingos Botelho. O jovem tinha um irmão mais velho, Manuel Botelho, o qual possuía desavenças com ele, e também tinha duas irmãs mais novas, sendo a caçula Rita, a irmã preferida de Simão. Esse afeto que dedica a ela é uma espécie de reduto pacífico entre as constantes divergências que tinha com seus pais, sua mãe era sempre “mais levada do dever que do coração”...

Desgraçado, que estás perdido! Eu não te posso valer, porque teu pai está inexorável. As escondidas dele é que te mando o almoço, e não sei se poderei mandar-te o jantar! Que destino o teu! Oxalá que tivesse morrido ao nascer! Morto me disseram que tinhas nascido; mas o teu fatal destino não quis largar a vítima. Para que saíste de Coimbra? A que vieste, infeliz? Agora sei que tens vivido fora de Coimbra há quinze dias, e nunca tiveste uma palavra que dissesses a tua mãe... (BRANCO Camilo, 2003, p.98)

Simão era um rapaz violento e muito problemático, era a decepção da família Botelho. Suas amizades eram com pessoas desordeiras e de classes diferentes da sua, e suas atitudes sempre traziam desgosto e vergonha aos pais.

Eis que o rapaz é surpreendido por um romance e seu temperamento muda completamente. Torna-se um rapaz de bem, tranquilo e quieto. Sua paixão era Tereza Albuquerque, filha do inimigo de seu pai, Tadeu Albuquerque. O namoro entre o casal era proibido e os dois se encontravam às escondidas. Simão volta à Coimbra, na certeza de concluir os estudos, para assim ter condições de construir um futuro com a jovem Tereza.

Ele se esforça ao máximo nesse objetivo. Simão está longe, mas continuam mantendo o romance através das cartas. Nesse espaço de tempo, Tereza e Rita, irmã de Simão se tornam amigas e Tereza lhe revela o romance. Porém as jovens amigas um dia foram surpreendidas pelo pai de Rita, Domingos Botelho, o qual lhe obriga a contar tudo o que sabe entre o casal de amantes. O pai muito irado com a revelação decide iniciar um verdadeiro tormento na vida dos dois: Simão e Tereza. O pai de Tereza também descobrindo sobre o namoro promete a mão de sua filha ao seu sobrinho, Baltazar Coutinho, mas Tereza o repudia negando-se sempre ao matrimônio com seu primo. O pai de Tereza vivia lhe ameaçando: casa-se ou vai morar num convento como

freira, e a jovem mantendo-se fiel a Simão, que pelas cartas fica sabendo o que estava acontecendo na sua ausência, e não aguentando volta de Coimbra muito enfurecido pelas tentativas de Baltazar em querer muito a sua amada.

Simão ao chegar vai para a casa de João da Cruz, um ferrador que devia a vida a seu pai. Este o torna seu servo e o ajuda nesse intento. João era pai de Mariana, que logo se reduz aos encantos do jovem Simão Botelho. Esta o trata sempre com carinho e especial atenção, porém não será correspondida. Tereza descobre da vinda de Simão, e o avisa sobre o seu aniversário, e que nesse dia será oportuno o encontro entre ambos, mas o insistente primo de Tereza percebe algo de estranho pelos arredores e resolve segui-la.

O encontro foi em vão, ficando para o dia seguinte, porém Baltazar já havia antecipado sua armadilha. João da Cruz, cismado com tal traição resolve ir junto do rapaz para protegê-lo. O encontro finalmente se concretiza, e os dois travam uma batalha, no entanto, Simão e seus companheiros fogem do local, mas infelizmente o rapaz é ferido no ombro e se refugia na casa de João da Cruz, local em que estará sob os cuidados da apaixonada Mariana. Tereza insiste em não aceitar o casamento com o primo, e isto lhe causará sua entrada para o convento, mas continua se correspondendo com o amado pelas cartas. Ela escreve a Simão:

Meu pai diz que vai me encerrar num convento por tua causa. Sofrerei tudo por amor de ti. Não me esqueças tu e achar-me-ás no convento ou no céu, sempre tua de coração e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá irão dar as minhas cartas; e na primeira te direi em que nome hás de responder à tua pobre Tereza (BRANCO Camilo, p. 69).

Sua vida se transforma num precipício, pois ela imaginava levar uma vida diferente no mosteiro, mas engana-se porque as freiras eram fofoqueiras e maldosas. O pai dela retira-a do convento e leva-a para outro juntamente com os familiares.

Apenas neste novo espaço religioso é que Tereza perceberá o sentido de um lugar que realmente condiz com o que antes pensara a respeito dos ambientes conventuais. A reclusa não sofre os maus-tratos psicológicos que sofrera no antigo recolhimento; amparada pela tia abadessa por sua criada, Constança, e pelas outras freiras piedosas, esquece a atitude cruel de Tadeu em tê-la encerrada ali, a ponto de não querer mais tarde, deixar o convento:

Tereza fica aparentemente reduzida à obediência, esmagada pela tutela do pai que a encerrou: mas na realidade ela encontrou nesse encerramento uma nova forma de libertação, a libertação adiada que a religião lhe impõe. Tadeu de Albuquerque vê, paradoxalmente, escapar-lhe a filha rebelde, liberta pelo próprio cativo que ele lhe impôs: 'Separam-nos esses ferros a que meu pai se encosta...' diz Tereza. (LEMOS, 1988, p, 50)

Simão fica muito bravo por essa atitude e então decide ir até lá. Quando novamente encontra Baltazar Coutinho, sem receio o mata ali mesmo em frente ao convento e de todos. Simão por ser filho de um desembargador se livra facilmente da cadeia, porém não quis assim, preferiu ir preso. O pai sabendo do ocorrido o despreza ainda mais. A família do jovem então muda-se para Vila Real, sua mãe desta vez decide ajudá-lo mas ele não aceita e diz não ter família.

Passa a viver com a ajuda de João da Cruz e Mariana, que a este ponto encontra-se submissa a ele. A correspondência com Tereza se torna ainda mais difícil, pois ela encontra-se em outro convento, mas ainda é feita. Simão é condenado à forca. Tereza ao saber da triste notícia se entrega a tristeza e passa a viver como moribunda. O avô pede a Domingos que ajude Simão a livrar-se da prisão, este pressionado pelo pai decide ajudar o filho da sentença de morte.

Simão então é transferido para uma prisão mais próxima do porto onde ficava o convento de Tereza. Tadeu tenta tirar a filha de lá, mas as freiras não permitem tal intento. Simão vive ainda por dois anos e nove meses na prisão. João é morto pelo filho do homem, o qual ele havia assassinado. Mariana se desfaz de tudo e passa a viver para o jovem Simão Botelho, mas não sendo correspondida pelo rapaz, diz que apenas a sua companhia já a deixa satisfeita.

De acordo com Pavanelo (2011, p.146) Mariana vê no degredo a única chance de ser feliz ao lado de Simão, pois numa terra distante talvez ele não pensasse tanto em Tereza e como só teria Mariana por perto, haveria uma leve possibilidade de sentir pela camponesa não mais esse sentimento fraternal, e sim o mesmo amor que sentia por Tereza. Porém Simão tinha uma visão pessimista do degredo, já que ficaria afastado da jovem fidalga; enquanto Mariana tinha expectativas de realização do amor e vê o degredo como um lugar de oportunidades, e se necessário fosse trabalharia para sustentar a ela e ao jovem fidalgo. Sua esperança era tanta que quando Simão lhe pergunta se ela sabe o que é o degredo e o quão tal lugar é insuportável, a mesma responde:

- Tenho ouvido dizer muitas vezes o que é senhor Simão... É uma terra mais quente que a nossa; mas também há lá pão e vive-se... [...] Não há de ser tanto assim. Eu tenho perguntado muito por isso à mulher dum preso, que cumpriu dez anos de sentença na Índia, e viveu muito bem em uma terra chamada Solor, onde teve uma tenda; e, se não fossem as saudades, diz ela que não vinha, porque lhe corria melhor por lá a vida que por cá. [...] Verá como eu amanhã a vida. Afeita ao calor está eu; vossa senhoria não está; mas não há de ter precisão, se Deus quiser, de andar ao tempo. (BRANCO Camilo, 1996. P, 117)

A Simão são oferecidas duas penas: ficar dez anos na prisão ou viver dez anos no exílio na Índia. A vontade de sua amada é que ele a espere na cadeia, mas ele aceita o exílio, e assim, o faz.

Simão entra no navio como homem livre e torna-se logo amigo do capitão que também lhe oferece ajuda para que este tenha na Índia uma vida nova, mas de longe pôde vê Tereza a acernar-lhe num último adeus.

Os três personagens principais veem a morte não como o fim, mas como o início de tudo. Tereza desfalece de amor, e a doença contribui para que essa situação acontecesse de maneira mais rápida, acabando assim, com todo o seu sofrimento.

Sobre a enfermidade entre os românticos, Hauser (2003) afirma:

Para os românticos, a enfermidade representava abnegação do ordinário, do normal, do razoável, e continha dualismo de vida e morte, natureza e não natureza, continuidade e dissolução, que dominava toda sua concepção de vida. Significava a depreciação de todas as coisas nitidamente definidas e duradouras, e estava de acordo com a sua aversão a todas as limitações, a toda forma sólida e delimitada. (HAUSER, 2003, p. 680, 681)

Infelizmente essa história tem esse desfecho: a morte de Tereza e a partida de Simão para o degredo na presença da fiel e apaixonada Mariana, a qual ao ver o corpo do amado sendo atirado ao mar atira-se junto a ele, pois sem ele também sua vida não teria sentido.

Que fim trágico! Portanto, Camilo não teve a intenção de nos mostrar apenas o lado triste da novela, quis nos conscientizar de que o amor não tem espaço para esse tipo de sociedade, sociedade esta que conhecemos e sabemos como é. Ele o poeta, engrandece o amor, como sendo o maior sentimento que existe e mais forte que tudo e todos.

Na obra o autor... coloca a frente as “razões do coração” e as razões da sociedade burguesa (MOISÉS, 1882, pág. 181)

2.1 A PERSONAGEM MARIANA

Mariana era uma jovem simples do campo, abnegada, “*de vinte e quatro anos, formas bonitas, um rosto belo e triste*” o sentimento por Simão é muito forte sendo capaz de renunciar a tudo em favor desse amor que nutre pelo jovem. Tereza é a própria personificação do espírito de sacrifício. Há quem diga também que ela é a personagem mais romântica da obra, pois se entrega ao amor.

Seu amor para com Simão é sublimado, dedicado, fazendo de tudo sempre para está na companhia do amado, tornando-se até mesmo cúmplice de sua paixão proibida, nunca rivalizando com Tereza:

Amava, e tinha ciúmes de Tereza, não ciúmes que se refrigeram na expansão ou no despeito, mas infernos surdos, que não rompiam em lavareda os lábios, porque os olhos se abriam pronto em lágrimas para apagá-la. (CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de Perdição*, p.138).

Segundo Jacinto do Prado Coelho (1946, p. 333), Mariana é a personagem “mais humana e mais complexa da obra”, ainda que o autor não explicita de modo minucioso o que se passa no íntimo da jovem, sugere suas qualidades através de seus atos colocando-a diante de nossos olhos e fazendo com que nos sensibilizemos com a sua singela vida que revela uma grande alma.

Com isso, ela assume um papel de personagem rara e diferente na trama, pois, suas atitudes comovem com tamanha atenção dada a alguém que nem se quer lhe dá esperanças de um dia poder corresponder a esse sentimento que ela demonstra pelo amado.

Mariana se fecha totalmente a outros pretendentes, assumiu muito jovem ainda o compromisso de cuidar do pai e da casa, pois perdera sua mãe ainda na infância. E assim, diz que não pretende se casar, mesmo tendo total liberdade de escolher se o quisesse seu amor, pois João da Cruz seu pai não fazia imposições a ela sobre o futuro marido se assim o fizesse.

Maridos não lhe faltam; [...] o caso é que a moça não tem querido casar, e eu, a falar a verdade, sou só e mais ela, e também não tenho grande vontade de ficar sem esta companhia, para quem trabalho como moiro. Se não fosse ela, fidalgo, muitas asneiras tinha eu feito! (BRANCO Camilo, 1996, p. 61)

Essa submissão ao jovem Botelho é uma característica Ultrarromântica evidenciada em Mariana. Ela é a própria personificação do espírito de sacrifício, pois renuncia a tudo em prol desse amor que a machuca tanto.

Ao analisar as atitudes de Mariana, Vechi explica:

O amor que sente por Simão está ligado à existência e não à transcendência; por isso, Mariana se comporta como mulher e não como o anjo idealizado em que acaba se transformando Tereza. Seu amor oscila entre o desejo da mulher que almeja ser correspondida no seu sentimento e a comoção de mãe que deseja minorar os sofrimentos do filho. Diante da impossibilidade de concretizar o seu desejo de mulher, realiza-se na expectativa de gozar da companhia de Simão Botelho, num estado de êxtase em que paixão e amor maternal se confundem. (VECHI, 1998, p.71)

Sendo assim ao olhar as atitudes da jovem sofredora e solitária Mariana, observamos que mesmo estando longe de um amor que não poderia se concretizar, porque entre eles havia dois impedimentos: por serem de classes sociais bem diferentes, e porque o fidalgo já estava com o destino traçado com a jovem Tereza. Marina, mesmo sabendo de tudo isso, ainda se posiciona com firmeza no que concerne a essa relação, pois a filha do ferrador ama silenciosamente e possuem as características típicas do romantismo, de quem tudo suporta e aceita.

Almeida Garret afirma que os sofrimentos e as privações são características da índole feminina, haja vista, para um sentimento mais fino, apurado e sensível que transcende a literariedade no mais delicado objeto artístico.

E tudo isso consequentemente deixa ainda mais nítida a visão que simboliza de a vermos como uma verdadeira heroína romântica, isto é, a mulher real, madura, prática e sem tantos sonhos que rejeita tudo para viver seus últimos momentos de vida ao lado de Simão, tendo os dois uma relação praticamente fraternal.

A mulher de todas as condições sociais, desde a camponesa e operária até à fidalga, é quase sempre o anjo adorável, capaz de todas as abnegações e sacrificada ao egoísmo, à vaidade ou ao simples capricho masculino. (SARAIVA José. 1999. Iniciação à Literatura, p. 116).

3. O PERFIL FEMININO NO SÉCULO XIX

Historicamente a mulher é apresentada desde muito tempo como um ser que vive sob a rédea de uma sociedade patriarcal, exploradora e excludente tendendo sempre a refletir as influências predominantes em seu meio.

Quando se propõe fazer um breve comentário sobre o comportamento feminino no século XIX, deve-se ter a plena consciência de que o contexto histórico em que elas estavam inseridas era outro, e esse período em muito se reflete nas atitudes observadas nesse estudo.

A valorização do “ser mulher” é moldada a partir de construções sociais relativas à sua condição na sociedade seja em função de valores sentimentais, e das situações que ela sofria pelos conflitos do “eu” existentes e representados por meio de algumas aflições humanas e de uma condição por ser diferente no que condiz à sua situação social.

A voz feminina implica nesse período a construção de olhares subjetivos projetados em relação à situação e a condição que elas têm e vivem no espaço.

Para Queiroz et al (1990), convivendo numa sociedade estruturada segundo princípios que valorizam o masculino, a voz da mulher em determinados momentos é tida de forma subalterna e impregnada de valores submissos demarcados essencialmente nas relações de gênero.

A mulher portuguesa do século XIX possuía uma vida muito semelhante à de muitas das mulheres da Europa, por questões de imposição do contexto histórico, ela ocupava uma função secundária na ordem familiar daquele período, sempre dependendo do homem e também sendo totalmente a responsável pelos afazeres domésticos.

Isto quer dizer que o poder estava atrelado no pai ou no próprio marido, caso ela já estivesse casada, de forma que era sempre subalterna, permitindo também que o próprio companheiro a maltratasse, por questões de obediência a ele.

A mulher desse momento histórico era privada de seriedade da razão. A sociedade a qual ela vivia fazia com que a mesma sempre colocasse a obediência e as imposições a frente de tudo, não tendo liberdade para expor nenhuma situação desagradável ou que não concordasse. Não tinham escolhas, obedecer era o lema. Eram preparadas para o matrimônio, sendo que o pretendente geralmente era escolhido pelo

pai da jovem, destacando a real situação financeira do futuro esposo, o qual deveria ser da mesma classe social que ela. Algumas vezes até bem mais velho que a noiva.

A mulher desse período era extremamente submissa, sendo que tinha a obrigação de servir bem ao pai ou o marido. Elas não possuíam nenhum direito legalmente de cidadã. Se fosse burguesa ou camponesa casaria do mesmo modo, sendo que o que prevalecia era a decisão do pai para a escolha do futuro marido, do contrário, estavam condenadas ao convento.

A mulher do século XIX não possuía sua própria identidade porque estavam presas ao tradicionalismo e as imposições às quais deveriam seguir eram muito rígidas. Elas eram obrigadas a cumprir, porém não era o que ocorria. Algumas, não aguentando tamanha pressão da sociedade, cometiam adultério, porque não eram realizadas enquanto mulheres, e isso as deixavam frustradas e infelizes, sofrendo também com as agressões de seus próprios companheiros.

As caracterizações do feminino apontam para aspectos que intermediam a construção de suas identidades, uma vez que os valores que compreendem o universo feminino são as posições políticas, que se assumem e que vão perpassando por dimensões sentimentais, afetivas, o que na maioria das vezes identificam a mulher em suas relações e também a outros espaços, aos quais se concretizam suas expressões.

De acordo com Diniz (1990), as construções do imaginário feminino estão representadas basicamente por valores e princípios produzidos socialmente de acordo com as situações em que os sujeitos se expõem nas atividades de produção e relações de poder, de modo que é considerável a presença de indicativos que intermediam a existência da alteridade.

Mesmo em circunstâncias em que se podem ser apresentados os momentos de descontração, a mulher não é descrita com naturalidade nas relações sociais, porque as regras e normas que se impõe são obedecidas e expostas como instrumentos de repreensão e manifestação de poder.

Nesse sentido, as vozes femininas estão repletas de visões e contradições com o mundo que a cerca, as quais precisam ser discutidas ou investigadas para situar a realidade da mulher em função dos papéis e representações que ela assume nessa sociedade.

3.1 O COMPORTAMENTO DAS MULHERES NA ATUALIDADE

A Revolução industrial trouxe uma série de transformações para a humanidade, sendo que algumas mudanças foram boas, outras foram vistas como ruins para o momento em questão.

Um dos aspectos considerados negativos foi à corrida imperialista entre as potências industrializadas, tendo como consequência maior as guerras geradas pelas disputas por territórios.

O aspecto considerado como ponto positivo é que, com essas guerras, a mulher passou a ser novamente uma personagem importante nas nações beligerantes, já que foi a partir desse acontecido que elas iniciaram a conquista dos seus espaços no mercado de trabalho. Porém a batalha foi árdua, e elas necessitaram de alguns séculos para poder se instalar de fato numa realidade circunstancial.

De acordo com Aranha (2003), o existencialismo defendido principalmente a partir das ideias de Jean Paul Sartre, veio contribuir significativamente para a emancipação da mulher na sociedade, especialmente pelo fato de contestar a ordem social estabelecida que reprimisse a mulher em todos os aspectos de sua existência social e espiritual. Na década de 1960, especialmente na França os movimentos em favor da liberdade e da emancipação feminina ganham destaque, trazendo reivindicações para a constituição de uma ordem social que proporcionasse ver homens e mulheres a partir de suas diferenças.

A contribuição da mulher na sociedade na primeira metade do século XX esteve relacionada ao processo de estruturação social que direcionou papéis e funções diferenciadas tanto ao feminino quanto ao masculino, de maneira que é possível identificar aspectos restritivos de participação das mulheres na política, economia, cultural e social.

De acordo com Louro (2003), a realidade social da mulher na primeira metade do século XX vai ser orientada segundo um padrão definido socialmente que excluía a sua presença nas atividades produtivas e econômicas de modo que o confinamento, no lar e a preparação para assumir a maternidade eram os mais importantes focos a serem evidenciados em sua educação.

As mulheres pertencentes aos segmentos mais elevados, como a classe média e elite não se ocupavam com as atividades econômicas e produtivas, mesmo porque ainda

dominava a aristocracia e elas ainda tinham por obrigação a procriação o que as deixava um pouco distante da participação direta em assumir uma função, pois iria isentá-la de seus fazeres do lar.

O direito de ser mulher passou a ser discutido, especialmente em função da participação que ela dispõe no mundo do trabalho e em outros espaços, de maneira que a década de 1960 veio contribuir diretamente para a formação de um novo olhar acerca do papel feminino na sociedade, superando a função procriadora da restrição ao espaço doméstico.

Desse modo então, a mulher passou a ser vista como um sujeito histórico, atuante de uma sociedade que predomina a diversidade, e nesse sentido, ela começou a ocupar um maior espaço na área da educação, com a elevação da escolarização, e a presença em maiores níveis nas profissões e ocupações no cenário produtivo.

O processo de emancipação feminina veio assim contribuir em mudanças significativas na sociedade brasileira, especialmente em relação aos direitos de ser mulher, de modo que esse posicionamento levou a adequação da organização do Estado e de seus aparelhos repressivos, para só assim garantir dignidade, respeito, e também a valorização do ser humano a partir de suas diferenças.

4. O PARALELO ENTRE OS PERFIS DE MULHERES: SÉCULO XIX E ATUALIDADE

Nesse capítulo abordaremos o que de fato ocorreu nesses dois momentos históricos com relação ao comportamento das mulheres ao longo dos anos, que mudanças ocorreram. Fazendo uma espécie de observação entre os dois períodos.

As lutas pela emancipação feminina ao longo do século XIX contribuíram para o início do surgimento de uma legislação referente à mulher, porém isso não aconteceu de uma vez, foram muitas lutas para até então se firmarem nas instâncias política e social referentes às mulheres.

No século XIX ela esteve praticamente isenta de participação da vida pública, entretanto o seu papel tradicional de esposa e mãe a desconfigurou de sua representatividade: suas atividades e concepções estavam condicionadas ao regramento social. O seu modo de criação, a subjetividade era marcado pela família, pela domesticação.

Essa mulher estava vinculada a ser uma boa mãe, uma boa dona de casa, algo bastante ambíguo. Boa para quem? Boa para quê? Ao longo de sua formação, a jovem mulher desenvolvia os chamados “dotes femininos” – aprender a cozinhar, bordar, e costurar. Condição por essa vida, a mulher idealizava um casamento feliz, fora isso lhe restava a condição de ser beata solteira.

Para romper com as tradições sociais que desvalorizavam e impediam sua autonomia foi que a mulher se organizou em movimentos emancipatórios, por meio do qual lutava por ideias revolucionárias que demonstravam a sua insatisfação quanto ao conservadorismo em relação à mulher.

O feminismo abrange todos os aspectos da emancipação das mulheres e inclui qualquer luta projetada para elevar seu *status* social, político ou econômico; diz respeito à maneira de se perceber da mulher e também a sua posição na sociedade. (HAHNER, 1981, p. 30)

Podemos dizer que a história das mulheres é fundamental para se compreender a história geral, uma vez que ela é relacional, e inclui tudo o que envolve o ser humano, suas aspirações e realizações, seus parceiros e contemporâneos, suas construções e derrotas.

Escrever algo ou fatos históricos sobre essas mulheres significa apresentar fatos pertinentes para que busquem refletir sobre o mundo contemporâneo ou procurem nele assim interferir. Trata-se de destacar a mulher através das tensões e contradições que se estabeleceram em diferentes contextos.

Simone Beauvoir, escritora francesa e feminista foi uma das referências para a construção da história do pensamento feminista do século XX. O ponto fundamental de seu trabalho é o de que as mulheres não tinham história, assim como poderiam avançar nas conquistas do espaço público e sentir orgulho de si mesma.

Para Beauvoir (1980, p. 291), uma mulher torna-se plenamente humana quando tem oportunidade de se dedicar ao exercício de atividades públicas e quando pode ser útil à sociedade: “[...] É um paradoxo criminoso recusar à mulher toda a atividade pública, vedar-lhe as carreiras masculinas, proclamar sua incapacidade em todos os terrenos e confiar-lhe a empresa mais delicada, mais grave que existe: a formação de um ser humano.” (GASPARI, 2003 p. 42)

Ousando desafiar a ideologia dominante da época, sobre a educação e a postura da mulher na família e na sociedade, muitas delas buscaram integrar-se em acontecimentos históricos importantes, ultrapassando o espaço doméstico, portanto rompendo com os paradigmas estabelecidos que tolhiam suas iniciativas.

Ela, embora estivesse impedida de se instruir, ou manifestar-se e até mesmo realizar-se como “ser para si”, tendo que enfrentar a autoridade masculina e os preconceitos sociais, de acordo com suas possibilidades, procurou imprimir sua “marca”.

Com tudo isso, é necessário salientar que um processo que envolve a quebra de paradigmas, revisão de conceitos e novas formas de agir e pensar, mudança de mentalidade e comportamento é lento e conflituoso. Ideias, conceitos e valores enraizados por séculos em uma sociedade não desaparecem de um dia para o outro.

Os estudos feministas, por seu caráter político deixaram uma contribuição valiosa pela qual se efetivaram as problematizações a partir de uma análise da trajetória das mulheres a ser reconhecida, valorizada e digna de ser discutida, para então, chegar-se à desconstrução das diferenças.

O que se pretende é, portanto um momento de reflexão sobre os caminhos traçados por essas mulheres, porque para que haja um reconhecimento político-social feminino, não basta que as mulheres apenas se conscientizem de suas lutas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo fazer um estudo da personagem Mariana, da obra *Amor de Perdição*, levando em consideração as características presentes na protagonista de modo a mostrar como ela representa o perfil de mulher do século XIX, destacando também sua idealização amorosa, uma vez que o estudo prioriza também os comportamentos femininos do período em questão e da atualidade, fazendo ainda um breve paralelo entre esses dois comportamentos.

Nesse sentido cabe ressaltar sobre a personagem Mariana: Podemos concluir que ela configura contextos históricos e sociais marcantes do espírito romântico no que tange à vivência da emoção como fuga de uma realidade que lhe impede de viver totalmente o seu amor, ou seja, o homem romântico protesta contra o mundo burguês capitalista que uniformiza o homem e vê a vida como mercadoria.

No que diz respeito aos perfis das mulheres ao longo da história, segundo os estudos aos quais me debrucei é: frisar que muitas foram as evoluções ligadas às mulheres ao longo desse período. Da sua pequena participação no passado, mas que foi crescendo cada vez mais até chegar aos nossos dias.

Muitas foram as suas lutas, disputas, humilhações e submissões até se chegarem a chamada “liberdade”. Esta conquistou a liberdade de falar, a liberdade da vestimenta, a liberdade política, trabalhista, jurídica, financeira e familiar. Porém, em muito ainda a mulher tem a buscar e a conquistar.

Na política ainda é pouca a participação feminina, mas na instituição familiar foram grandes as vitórias. A mulher passou de submissa às ordens do marido a companheira e também administradora do lar, dos filhos e dos bens.

Assim, de forma bem simples pode-se afirmar que a questão de gênero está relacionada às construções sociais que permeiam a existência de ambos os sexos. Por isso, todas as transformações foram dimensionadas tomando a definição de sexo como justificativa.

Com esses aspectos se faz necessário ressaltar que o objetivo dessa discussão é sobre o papel da mulher na sociedade e que não pode ser direcionado a uma única vertente.

Finalmente com esse estudo, espera-se que um número cada vez maior de pessoas possa reconhecer que existem mudanças urgentes e possíveis para acontecer

ainda. Instigando que os seres humanos possam articular uma vivência mutuamente inclusiva, onde as mulheres possam compreender suas vidas por uma visão mais ampla, para que a partir daí, consigam participar das mais variadas formas da criação de um futuro sustentável, igualitário e renovado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. Verbete. In: **Nova Enciclopédia de Biografias**. Rio de Janeiro: Planalto Editorial, 1979. v. 1. p. 120.

BENEDITO, Nunes. “Visão Romântica”. In: GUINSBURG, Jacó (Org.). **O Romantismo**. 4ª Ed. São Paulo. Perspectiva, 2005 p. 51-74.

BROCA Brito. **Românticos, Pré-Românticos, Ultrarromânticos: vida literária e romantismo brasileiro**. São Paulo. Editora Polis 1979.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 2ª ed. Revista. São Paulo: Martins, 1964.

CARLOS, Antônio Pinho – *Amor de Perdição*.

Disponível: <www.mundocultural.com.br>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

CÁSSIA, Rosana Kamita – **A morte como transcendência em Amor de Perdição de Camilo Castelo Branco**.

Disponível: <www.alfarrabio.di.uminho.pt/vertical/zips/camilo01.rtf> Pág.1,2008. Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.

COELHO, Jacinto do Prado. **Introdução ao Estudo da Novela Camiliana**. Coimbra: Imprensa Nacional, 1946.

DINIZ, Maria Helena. **O gênero na literatura brasileira**. São Paulo: LTC, 1990.

GASPARI, Leni Trentim. **Educação e Memória: Imagens Femininas nas “Gêmeas do Iguaçu” nos anos 40 e 50**. (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2003.

GUINSBURG, Jacó. “Fundamentos históricos do romantismo”. In: GUINSBURG, Jacó (Org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HAHNER, J. E. **A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. Trad. Maria Thereza P. DE Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1993.

HAUSER, Arnold. **História Social da Arte e da Literatura**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEDO, Teresinha de Oliveira. **Manual de literatura:** Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira – São Paulo: DCL, 2001, pág: 51/52).

LEMOS Esther de. Introdução. In: CASTELO Camilo Branco. ***Amor de Perdição***. Lisboa: Ulisseia, 1998.

LOURO, Guacira M. **As relações de gênero na sociedade**. São Paulo: Cortez, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. - 37ª. Ed., ver. e atual. - 1ª reimpr. São Paulo: Cultrix, 2013.

_____, **História da Literatura Brasileira** – 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

_____, **Presença da Literatura Portuguesa:** Romantismo – Realismo. 7ª ed. Rio de Janeiro. Editora Beltrand Brasil, 1998.

MONGELLI, Lênia Márcia. ***Amor de Perdição: Memórias duma família***. In: A face oculta de *Amor de Perdição*. Pág. 1-14

PAVANELO, Luciene Marie. **O que fazem as mulheres:** as personagens femininas de Camilo Castelo Branco. In: Antares: Letras e Humanidades. vol. 3, nº 6, jul./ dez. 2011, p. 144-160.

Disponível: <www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/...94> Acesso em: 12 de janeiro de 2017.

QUEIROZ, João Paulo C. et. al. **Figuras de mulher na literatura**. São Paulo: LTC, 1990.

_____, **O feminismo na literatura brasileira**. São Paulo: LTC, 1990.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8ª ed. Editora Almedina, 2002.

VECHI, Carlos Alberto. **Roteiro de Leitura:** Amor de Perdição de Camilo Castelo Branco. São Paulo: Editora Ática, 1998.

VICENTE, José Neves. L.B – **O Amor humano e o sexo**.

Disponível: <www.jlocal.com.br/artigos> pág.1, 2008.

SARAIVA Antônio José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 15ª ed. Porto: Porto, 1989.

_____, **Iniciação à Literatura Portuguesa.** São Paulo:
Companhia das Letras, 1999.